



**UNIVERSIDADE PARANAENSE - UNIPAR  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL  
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
- METODOLOGIA  
SEMIPRESENCIAL DA UNIVERSIDADE PARANAENSE -  
UNIPAR**

**MEL CRISTINI DESANI**

**DESENVOLVIMENTO HUMANO E NEUROPSICOMOTOR: DISCUSSÕES À  
LUZ DA TERAPIA OCUPACIONAL**

**UNIDADE  
UMUARAMA  
- PR UNIPAR  
- PR 2023**

**MEL CRISTINI DESANI**

**DESENVOLVIMENTO HUMANO E NEUROPSICOMOTOR: DISCUSSÕES À  
LUZ DA TERAPIA OCUPACIONAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado de à Banca Examinadora do  
Curso Terapia Ocupacional da  
Universidade Paranaense – Campus Sede,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Terapia ocupacional,  
sob orientação do professor especialista  
Maicon Henrique Silva Rocha**

**Unidade  
Unipar  
2023**

*“Põe quanto és no mínimo  
que fazes”*

*Fernando Pessoa*

## SUMÁRIO

|            |                                       |           |
|------------|---------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO</b> .....               | <b>6</b>  |
| <b>2</b>   | <b>DESENVOLVIMENTO</b> .....          | <b>7</b>  |
| <b>2.1</b> | DESENVOLVIMENTO HUMANO .....          | 7         |
| <b>2.2</b> | DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR.....       | 14        |
| <b>2.3</b> | O PAPEL DO TERAPEUTA OCUPACIONAL..... | 17        |
| <b>3</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....     | <b>20</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS</b> .....              | <b>22</b> |
|            | <b>ANEXOS</b> .....                   | <b>24</b> |

# DESENVOLVIMENTO HUMANO E NEUROPSICOMOTOR: DISCUSSÕES À LUZ DA TERAPIA OCUPACIONAL

Mel Cristini Desani<sup>1</sup>; Maicon Henrique Silva Rocha<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Paranaense – UNIPAR

<sup>2</sup>Docente de Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Paranaense – UNIPAR.

## RESUMO

O presente trabalho tem como escopo elucidar o desenvolvimento motor à luz da terapia ocupacional. O problema deste estudo se baseia em levantamentos acerca dos desafios para a terapia ocupacional ao se pensar no desenvolvimento neuropsicomotor. Nesse sentido, traz-se como objetivo geral analisar o desenvolvimento motor e seus estágios, destacando as possíveis contribuições do terapeuta ocupacional para os estímulos necessários ao aprimoramento das habilidades humanas. A partir daí desdobra-se uma revisão de literatura que se concretiza de modo crítico, sistêmico e integrativo, colocando diferentes autores, obras e produções científicas em diálogo e perspectiva. Tudo isso a partir de método indutivo, pesquisa explicativa e enfoque qualitativo. Divide-se o texto em: uma reflexão acerca do desenvolvimento humano como um todo, buscando realizar um diálogo interdisciplinar; em seguida, foca-se no desenvolvimento neuropsicomotor e seus principais marcos; e por fim, as contribuições da terapia ocupacional para se fornecer estímulos adequados para aprimoramento das habilidades humanas.

**Palavras chave:** Desenvolvimento Humano. Desenvolvimento Neuropsicomotor. Terapia ocupacional.

## ABSTRACT

The scope of this work is to elucidate motor development in the light of occupational therapy. The problem of this study is based on surveys about the challenges for occupational therapy when considering neuropsychomotor development. In this sense, the general objective is to analyze motor development and its stages, highlighting the possible contributions of the occupational therapist to the stimuli necessary for the improvement of human skills. From there, a literature review unfolds in a critical, systemic and integrative way, placing different authors, works and scientific productions in dialogue and perspective. All of this based on an inductive method, explanatory research and a qualitative approach. The text is divided into: a reflection is made on human development as a whole, seeking to carry out an interdisciplinary dialogue; then, it focuses on neuropsychomotor development and its main milestones; finally, the contributions of occupational therapy to provide adequate stimuli for the improvement of human skills are considered.

**Keywords:** Human Development. Neuropsychomotor Development. Occupational therapy.

## 1. INTRODUÇÃO

Como bem recorda Bauman (2001), vive-se em tempos de liquidez e efemeridade. Nesse contexto, torna-se difícil encontrar realidades sólidas nas quais seja possível se amparar. Isso faz com que as relações humanas (afetivas, sociais, laborais etc) sejam questionadas.

Por isso mostra-se perspicaz discutir o ser humano como alguém em construção, dentro de uma ótica evolutiva. Ao se elucidar o desenvolvimento neuropsicomotor e suas fases, pode-se pensar caminhos possíveis para uma abordagem terapêutica, que considera as complexidades das pessoas e ao mesmo tempo os desafios que as suas singularidades estabelecem (ESCORSIN, 2006).

Tem-se enquanto problema de pesquisa compreender quais os desafios para a terapia ocupacional ao se pensar no desenvolvimento neuropsicomotor. A partir daí, constrói-se uma reflexão teórica e contando com amparo interdisciplinar para se pensar e discutir o desenvolvimento humano, desenvolvimento neuropsicomotor, e, por fim, o papel da terapia ocupacional nestes cenários.

Constitui-se objetivo geral da pesquisa analisar o desenvolvimento neuropsicomotor e seus estágios, destacando as possíveis contribuições do terapeuta ocupacional para os estímulos necessários ao aprimoramento das habilidades humanas. Para atingir este intento, foram propostos os seguintes objetivos específicos: identificar a complexidade das discussões sobre o desenvolvimento humano; discutir sobre o desenvolvimento neuropsicomotor e suas fases e refletir sobre o papel do terapeuta ocupacional nesse processo.

A justificativa para este trabalho reside em sua importância acadêmica, visto que se trata de uma área que precisa ser alimentada com mais pesquisas e estudos. O enfoque interdisciplinar, nesse sentido, se mostra outra causa justificadora, já que faz com que várias áreas do conhecimento se interessem por essas demandas. Além disso, a relevância prática e profissional se mostra evidente, porquanto traz impactos às pessoas e à convivência social, na medida em que medidas terapêuticas favorecem o aperfeiçoamento pessoal ao se debruçarem sobre o desenvolvimento humano.

A metodologia para este estudo se dá a partir de revisão bibliográfica crítica, sistêmica e integrativa da literatura pertinente. A partir da seleção criteriosa de obras e produções científicas, colocam-se diferentes autores em diálogo e perspectiva. Além disso, apresenta-se como sendo uma pesquisa explicativa e qualitativa, pois mais do

que descrever e quantificar dados, é buscado aprofundamento em torno de um fenômeno: o desenvolvimento humano e neuropsicomotor à luz da terapia ocupacional.

Divide-se o trabalho em: introdução, aspectos teóricos relativos ao desenvolvimento humano, desenvolvimento neuropsicomotor e o papel do terapeuta ocupacional. Por fim, as considerações finais, que fazem a síntese e o fechamento das ideias apresentadas.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

Sem fugir da objetividade científica do trabalho, é preciso fazer uma constatação sugestiva. O presente tópico é chamado de desenvolvimento e isso vai ao encontro de duas perspectivas: a primeira é de que ele é o desenvolvimento formal do trabalho em si. A segunda é que todo o aspecto material do texto se desdobra a partir da noção de desenvolvimento, numa dimensão antropológica, evolutiva e terapêutica.

### **2.1. DESENVOLVIMENTO HUMANO**

O desenvolvimento humano é indubitavelmente um dos principais temas da área da saúde (ESCORSIN, 2016). Nessa perspectiva, observa-se que diversos teóricos, ao discutirem esse assunto, seguiram caminhos distintos. Por exemplo, é possível destacar inicialmente Piaget (1986) que parte de uma visão relacionada à biologia. O desenvolvimento psíquico, que começa no nascimento e termina na vida adulta, está em consonância com o crescimento orgânico. Assim como o corpo se desenvolve até atingir um estado relativamente estável caracterizado pelo término do crescimento e pela maturidade dos órgãos, o desenvolvimento mental segue em direção a uma maturação representada pelo indivíduo adulto. Portanto, o desenvolvimento é um processo progressivo de equilibração<sup>1</sup>, uma transição contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior (PIAGET, 1986).

Em outra abordagem, destaca-se o pensamento de Vygotsky (1984) que enfoca o aspecto social do desenvolvimento humano - ou seja, o papel desempenhado

---

<sup>1</sup> Piaget (1989) utiliza do termo equilibração. Segundo o autor, trata-se de um processo regulador que possibilita experiências de incorporação dos elementos externos às estruturas mentais e cognitivas.

pelo ambiente na formação do indivíduo. O autor afirma que aquilo que está na zona de desenvolvimento proximal no presente será o nível de desenvolvimento real futuro: o que uma criança pode fazer com ajuda hoje, será capaz de realizar de maneira independente no futuro.

Portanto a dialética presente nesses dois autores pode ser objeto de reflexão uma vez que cada um aborda o tema de uma maneira diferente - um com base na biologia e o outro nas dinâmicas sociais, e ambos reconhecem que a criança está em um processo de evolução, e desenvolvimento (CASTORINA, 2008).

Isso porquanto ao mesmo tempo que os aspectos biológicos determinam os seres humanos em muitos aspectos, não se pode olvidar que a socialização e o meio também influenciam na construção do sujeito. Trazer ao debate ambas as perspectivas é relevante para se ter uma visão holística diante de uma problemática complexa.

Além disso, as teorias de aprendizagem levam a uma análise da primeira infância como o ponto de partida para o desenvolvimento de muitas habilidades que devem ser cultivadas na criança a fim de que ela se torne um adulto saudável (ESCORSIN, 2016).

O desenvolvimento humano representa assim uma temática relevante. A infância é o centro dessa trajetória evolutiva e a família é o primeiro grupo social com o qual uma pessoa entra em contato; nela ocorrendo eventos que moldarão sua vida. Com efeito, o comportamento está intimamente ligado ao desenvolvimento humano - o qual se destaca como uma ampliação das escolhas e oportunidades para que as pessoas possam aprimorar suas capacidades, qualidades e competências ao longo do tempo, seguindo a lógica evolutiva (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

O desenvolvimento humano à luz da terapia ocupacional se apresenta como algo complexo, em meio a experiências, desafios e conquistas. Nessa perspectiva surge a possibilidade de reflexão acerca do crescimento e transformação que perpassa todos os aspectos da existência (BARROS; GHIRADI, 1999). A terapia ocupacional compreende que o desenvolvimento humano não é uma mera sucessão de eventos aleatórios, mas corresponde a uma construção multifacetada, permeada por interações complexas entre o indivíduo, seu ambiente e suas ocupações (BARROS; GHIRADI, 1999).

Em sua essência, a terapia ocupacional reconhece os seres humanos em constante evolução, cujo desenvolvimento é moldado por inúmeras variáveis, sejam



elas biológicas, psicológicas, sociais e/ou culturais (BARROS; GHIRADI, 1999). Ao se aprofundar na compreensão do desenvolvimento humano, a terapia ocupacional propõe reflexão sobre a importância das atividades significativas na construção do ser. Ela instiga a explorar a relação intrínseca entre as ocupações e saúde, bem-estar e qualidade de vida (BARROS; GHIRADI, 1999).

Através do engajamento em ocupações significativas, os seres humanos são impulsionados a desenvolver habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais. É por meio dessas atividades que se molda a identidade bem como a criatividade, e há o fortalecimento das relações com o mundo ao redor (BARROS; GHIRADI, 1999). A terapia ocupacional se estabelece como uma aliada na promoção do desenvolvimento humano. Esse conhecimento oferece estratégias e intervenções elaboradas, que visam potencializar as capacidades, superar desafios e otimizar o desempenho ocupacional (BARROS; GHIRADI, 1999).

O terapeuta ocupacional traça caminhos terapêuticos personalizados, considerando as singularidades de cada indivíduo e suas necessidades específicas. Esse profissional se torna um auxiliador nessa jornada, levando os pacientes a explorar seu potencial máximo: ou seja: enfrentar obstáculos e conquistar um aperfeiçoamento pessoal.

Este profissional, em sua atividade, leva a refletir sobre a existência e as ocupações como elementos indissociáveis. A prática terapêutica lembra que o desenvolvimento humano é um processo contínuo, repleto de desafios e descobertas, e que os sujeitos devem ser protagonistas de suas histórias (BARROS; GHIRADI, 1999).

No que diz respeito ao desenvolvimento humano, é importante ressaltar que esse se intensifica quando em equipe, vivenciando a experiência de trabalhar em grupo e lidando com uma perspectiva em que as interações mútuas fortalecem as pessoas que fazem parte de uma organização (ESCORSIN, 2016). O ambiente em que o grupo se desenvolve é criado pelos próprios seres humanos, em função da necessidade de sobrevivência. À medida que as necessidades iniciais são atendidas, novas necessidades surgem, tornando as relações dentro do grupo mais complexas (ESCORSIN, 2016).

A comunicação, por sua vez, está intrinsecamente ligada à esse processo, uma vez que os seres humanos são animais sociais, como destacava a filosofia grega (ARISTÓTELES, 2007). Nessa perspectiva, em qualquer ambiente em que haja

colaboração mútua entre homens e mulheres, é possível proporcionar à todos a oportunidade de explorar ao máximo seu potencial e alcançar um aprendizado mútuo.

No contexto das ideias sobre o desenvolvimento humano, é válido mencionar que desde o momento da concepção, inicia-se nas pessoas um processo de transformação que continua ao longo da vida. (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Também é de se registrar a existência de um ciclo de vida que abrange sua totalidade: incluindo a evolução física, cognitiva e psicossocial (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Cabe ainda reconhecer a possibilidade de observar que o mundo adulto está repleto de escolhas, pressões, decisões, posicionamentos e responsabilidades, mas também que cada indivíduo consolida sua trajetória subjetiva (ESCORSIN, 2016).

No entanto, todas as raízes dessas escolhas e pressões inerentes ao mundo adulto podem ser encontradas nas impressões e experiências vivenciadas na infância, especialmente nos primeiros anos de vida. É nesse período que se molda não apenas grande parte do comportamento, mas também a essência de cada indivíduo (ESCORSIN, 2016).

Diante disso, o desenvolvimento humano é um tema que pode ser abordado com reflexão crítica, sendo necessário que a área da saúde discuta essa questão (ESCORSIN, 2016). Isso se torna ainda mais relevante ao pensar nas implicações em relação à análise da intervenção na infância - uma fase da vida em que se vivenciam realidades que moldarão a história de cada um.

A integralidade do ser humano vai além da tríade corpo-mente-espírito. Ela engloba também as interações com o meio em que se estão inseridos, com as relações sociais que se estabelecem e com as ocupações que preenchem o tempo. Fala-se aqui de seres inextricavelmente conectados ao ambiente, moldados por ele e, ao mesmo tempo, agentes ativos de transformação (ESCORSIN, 2016).

Nessa perspectiva, a compreensão do ser humano enquanto integralidade de fatores requer uma abordagem holística, que transcenda os limites estreitos das especialidades fragmentadas. Vê-se a possibilidade da união de conhecimentos e saberes diversos, capazes de contemplar a complexidade da existência (ESCORSIN, 2016). Assim, ao se estudar sobre o ser humano enquanto integralidade de fatores, observa-se o desafio de enxergar além das aparências, reconhecer a interconexão entre as dimensões que compõem a subjetividade e buscar um equilíbrio harmonioso entre elas. (ESCORSIN, 2016).

O desenvolvimento humano inicia na primeira infância, desde a origem da vida.

Por isso é significativamente importante partir da ideia da criança antes de se falar em aperfeiçoamento pessoal ao longo da existência. No que diz respeito ao conceito de infância, é importante ressaltar que se trata de uma fase de crescimento humano cujo começo se dá no nascimento e vai até a puberdade. A etimologia da palavra remonta ao latim, porquanto "in fans" significa "sem linguagem" (LINS et al., 2014). Dessa forma, a infância é a fase mais basilar dos movimentos e das dinâmicas cognitivas e corporais humanas.

É relevante observar que na antiguidade a infância era considerada uma fase preliminar da vida adulta, que começava de forma bem definida por meio de ritos de iniciação. Na Idade Média, pouca importância foi dada às crianças - sendo somente na modernidade e contemporaneidade que se começou a refletir sobre a formação humana com foco em sua trajetória inicial na existência (LINS et al., 2014).

Vale ressaltar que as crianças são seres em constante evolução, baseando-se no mundo das relações sociais e ainda não apresentando um projeto existencial com seus próprios significados. Quanto mais jovem a criança, maior é sua dependência em relação ao mundo exterior e menores são suas condições de diferenciar entre a realidade e os mundos imaginários criados por suas fantasias, sem uma distinção clara entre a realidade e os significados atribuídos a ela (ASSUMPÇÃO JUNIOR, 2002).

Assim, existe um contraste que permeia o universo infantil: ao mesmo tempo em que a criança traz consigo possibilidades e liberdades, está envolta em um contexto de profunda dependência em todos os aspectos. Trata-se de um ser constituído, por excelência, de limitações e possibilidades, e diante dessa perspectiva, é responsabilidade dos adultos responsáveis - que acompanham as crianças - atentar para essas dimensões complexas. A infância é uma preocupação multidisciplinar que envolve diversos profissionais: como psicólogos, terapeutas ocupacionais, pedagogos, médicos, psicopedagogos, juristas, sociólogos, assistentes sociais, entre outros (ESCORSIN, 2016).

Além disso, destaca-se que à medida que a sociedade tomou consciência da importância da infância, foram criadas diversas políticas e programas com o objetivo de proteger as crianças de modo integral – analisando esse percurso como sendo de pessoas em desenvolvimento, que passaram a ocupar um lugar de destaque na sociedade (LINS, 2014).

## 2.2. DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR

Consoante Costa et al (2021), o desenvolvimento neuropsicomotor consiste em um processo de evolução marcado por dinamicidade e aferido por meio de estímulos, trabalhando habilidades sensoriais, motoras, linguísticas, sociais, adaptativas, emocionais e cognitivas. Pequenos hábitos podem influenciar positiva ou negativamente nesse processo: daí a importância de intervenção terapêutica e, evidentemente, evitar excessos, controlando o uso de telas e eletrônicos por crianças, por exemplo. Isso porque tais ferramentas podem ser usadas para auxiliar na formação das crianças, e que quando mal empregadas tendem a dificultar seu desenvolvimento.

Nos termos de Araújo et al (2018), atualmente se explica o desenvolvimento neuropsicomotor à luz da teoria contextual ou ecológica. A confusão surge porque o fator ambiental - relacionado ao meio - é o que exerce influência na aquisição e desenvolvimento das habilidades neuropsicomotoras do indivíduo, de acordo com essa premissa teórica.

É pertinente apontar que:

A utilização da psicomotricidade como intervenção precoce, realizada por profissionais da saúde, no estímulo ao desenvolvimento infantil, integra o motor e o psicológico, fazendo a importante relação entre mente e corpo, assim constituindo a base do desenvolvimento psicomotor. Portanto, o desenvolvimento neuropsicomotor é fundamental na vida da criança, porque, através da descoberta realizada por meio do seu corpo, dos movimentos e de tudo que está em seu ambiente, ela conseguirá organizar e conquistar seu espaço, desenvolver habilidades e emoções, aprendendo aos poucos a coordená-las de modo a buscar sua independência (CARDOSO; LIMA, 2019. p. 2).

Um autor abundantemente comentado que dissertou sobre esse tema (desenvolvimento neuropsicomotor) foi Jean Piaget (1986), abordando especificamente algumas fases desse processo. Para ele, na primeira fase - denominada impulsivo-emocional - os seres humanos são envolvidos por uma gama de movimentos e sensações.

À medida que se aprofunda na segunda fase - sensório-motora e projetiva - vê-se um mundo de relações intensas com os objetos e consigo. Surge a consciência de si e a capacidade de distinguir e nomear o que envolve o ambiente. É como se os sentidos se expandissem, permitindo explorar e interagir com o ambiente de forma mais refinada (PIAGET, 1986).

Ainda nos termos de Piaget (1986), o terceiro estágio (conhecido como personalismo) emerge entre os três e seis anos de idade - momento em que a noção de alteridade e diferenciação ganha protagonismo. O 'eu' se consolida e a criança estabelece uma relação mais clara com o outro e com o mundo exterior. A singularidade do ser humano revela-se com mais intensidade, moldando suas interações e suas percepções (PIAGET, 1986).

Na quarta etapa - denominada categorial (entre os seis e onze anos) tem-se descoberta de semelhanças e diferenças que permeiam a vida. Nesse período a criança adentra no conhecimento das classificações, categorias que a ajudam compreender e organizar o mundo ao seu redor. O pensamento se expande e as percepções se aguçam (PIAGET, 1986).

Por fim, tem-se a fase da puberdade: estágio marcado por muitas descobertas e pela busca constante de se afirmar como indivíduo. Durante esse período a identidade começa a se desenvolver, e os sonhos e desejos se tornam mais intensos. Enfrenta-se diversos desafios ao longo desse processo de amadurecimento e se encontram muitas oportunidades para desenvolver-se (PIAGET, 1986).

Compreender o desenvolvimento neuropsicomotor e suas fases pode significar analisar a complexidade humana. Nesse contexto, profissionais como terapeutas ocupacionais desempenham uma relevante função - ao proporcionarem estímulos adequados e intervenções estratégicas que promovem o florescimento de habilidades psicomotoras e o desenvolvimento pleno do ser (TORQUATO *et al*, 2011).

No caso das crianças e seu desenvolvimento neuropsicomotor, ênfase merece a questão da ludicidade: trata-se de um meio no qual as crianças podem perceber seus corpos e movimentos bem com desenvolver suas interações e sociabilidade (FINK *et al*, 2019). Não são somente fatores biológicos, cognitivos e físicos que influenciam na questão neuropsicomotora; também as premissas socioeconômicas se mostram determinantes nesse processo (PEREIRA *et al*, 2017) e (SACCANI; VALENTINI, 2010).

Destaca-se ainda questões que estão relacionadas a história subjetiva e que envolve peculiaridades conforme Almeida *et al* (2019. p. 685) alude ao relatar alguns fatores:

Quando ocorre o atraso do desenvolvimento neuropsicomotor infantil uma variedade de fatores pode estar associado ao problema tais como, subnutrição, agravos neurológicos, genéticos, concepção, gestação e o parto.

Convém registrar também nesse sentido que:

Esses resultados destacam a importância de que observar as crianças durante as brincadeiras no ambiente escolar e o uso de testes de triagem do DNPM podem auxiliar os profissionais da educação e da saúde a obterem conhecimentos sobre as características do desenvolvimento infantil. Com isso, pode-se identificar mais rapidamente quais crianças apresentam algum desvio no DNPM e encaminhá-las à intervenção mais adequada. Destaca-se também o papel que o terapeuta ocupacional poderia ter em uma UEI, no acompanhamento do DNPM e o favorecimento de atividades diárias significativas, como o brincar. Além disso, nossos resultados podem contribuir para o incentivo à estimulação da brincadeira livre nesses ambientes, e a implementação de políticas públicas neste contexto, com vistas à triagem e acompanhamento do neurodesenvolvimento (TEIXEIRA et al, 2020. p. 122).

Em suma: o desenvolvimento neuropsicomotor revela-se como uma questão de considerável complexidade em termos de experiências e aprendizados. De tudo isso se extrai o ensinamento de Andrade (2019) que revela a necessidade de estimular precocemente certas habilidades e competências para o adequado desenvolvimento neuropsicomotor.

### 2.3. O PAPEL DO TERAPEUTA OCUPACIONAL

Segundo Barros e Ghirardi (1999) a terapia ocupacional consiste em um estudo de nível superior que visa tratar indivíduos com alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras, sendo isso de diferentes origens e etiologias. Trata-se de uma perspectiva alternativa e que considera a integralidade do ser humano. Não se foca em males, enfermidades ou qualquer outra coisa similar às preocupações da medicina, por exemplo. O enfoque é totalmente voltado para a pessoa e seu aperfeiçoamento.

A terapia ocupacional se refere à complexidade da mente e do corpo, em busca da conexão intrínseca da ocupação e a plenitude do ser. Ela compreende que a ocupação não se restringe apenas às tarefas cotidianas, mas encontra-se ligada às experiências vividas, ações que se sobressaem à mera execução e se entrelaçam com a identidade e a expressão individual (BARROS; GHIRADI, 1999).

A terapia ocupacional transcende à visão reducionista do tratamento físico. Por meio desta atividade se compreende a complexidade da existência humana e busca através de intervenções estratégicas reestabelecer a harmonia entre o corpo, a mente e o ambiente. Tem-se neste aspecto a abertura à diversidade, respeito às

singularidades e promoção de inclusão: permitindo que cada indivíduo encontre seu lugar no mundo (BARROS; GHIRADI, 1999).

Ao explorar os domínios da terapia ocupacional é possível perceber que ela sobressai a fronteira da reabilitação e adentra os domínios da promoção da saúde e do bem-estar de maneira geral. Seu foco reside não apenas na superação de limitações, mas também na busca importante por uma vida plena e realizada (BARROS; GHIRADI, 1999).

Ressalta-se que a terapia ocupacional não é algo abstrato - mas concreto e conectado à prática:

Trata-se de não mais trabalhar com a atividade como uma abstração esvaziada de sentido concreto para aquele indivíduo, para o qual nossa ação deve buscar equacionar necessidades reais. As atividades absorvem da psicologia a dimensão inconsciente, mas tornam-se um conceito permeado de historicidade, nutrido pela dimensão sócio-política e cultural enquanto instrumento para a emancipação. Um conceito inacabado, indicial; universal por ser transsituacional, que tem significados distintos em cada situação particular e só ganha sentido no contexto de intercâmbio e das práticas em que se realiza (BARROS; GIRHARDI; LOPES, 2002. p. 102).

As origens da terapia ocupacional podem ser objeto de retrospectiva que observa e constata sua presença desde os tempos antigos, quando atividades ocupacionais foram usadas como parte de rituais e práticas curativas em várias culturas. Civilizações como as Egípcia, Grega e Romana utilizavam ocupações como uma forma de tratamento para várias condições de agravamento da saúde. No entanto, o desenvolvimento formal da terapia ocupacional como uma profissão começou a ganhar forma no século XVIII e XIX principalmente em resposta aos impactos das grandes guerras mundiais e do aumento da industrialização (SENA; BASTOS, 2013).

Segundo Barba *et al* (2012): durante o século XIX várias figuras importantes contribuíram para o desenvolvimento da terapia ocupacional como profissão. Sena e Bastos (2013) destacam autores como Philippe Pinel e William Tuke que, por exemplo, enfatizaram a importância do envolvimento dos pacientes em atividades terapêuticas para melhorar sua saúde mental. Na mesma época o movimento das artes e ofícios surge destacando a relevância do trabalho manual como uma forma de terapia e reabilitação para pessoas com demanda de ordem física, mentais, sociais ou quaisquer outros aspectos relevantes.

Retomando Barba *et al* (2012), têm-se que o início do século XX representou

um período marcante para a evolução da terapia ocupacional. Durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial muitos soldados retornaram com lesões físicas e problemas de saúde mental. A terapia ocupacional foi vastamente empregada na reabilitação desses veteranos, gerando benefícios que mais tarde colaborariam para o crescimento e reconhecimento da profissão. Nessa perspectiva, em 1917, a Associação Nacional de Terapia Ocupacional (AOTA) foi fundada nos Estados Unidos, tornando-se uma organização importante para a promoção da terapia ocupacional e o estabelecimento de padrões profissionais. A profissão se expandiu para outras partes do mundo adaptando-se às necessidades de diferentes culturas e contextos sociais (SENA; BASTOS, 2013)

Com advento de novas tecnologias, a terapia ocupacional também se flexibilizou e promoveu adaptações baseadas em evidências. Nas pegadas desse processo cumpre registrar a teleterapia: que viabilizou que terapeutas ocupacionais alcançassem pessoas à distância a partir de tecnologias assistivas, por exemplo (SENA; BASTOS, 2013).

Posto isto, a evolução da terapia ocupacional ao longo da história é esboço de sua adaptação às mudanças sociais, avanços científicos e compreensão em constante evolução da importância da ocupação para a saúde e bem-estar. A profissão mantém-se em constante evolução e transformação para atender às necessidades de indivíduos e comunidades em todo o mundo. Isso significa atender os indivíduos, respeitando-os como seres integrais.

No contexto do desenvolvimento neuropsicomotor e suas fases é possível melhor identificar a importância do terapeuta ocupacional. Nesse palco de descobertas e desafios, este profissional desempenha um papel singular ao acompanhar e potencializar o florescimento das habilidades motoras e cognitivas dos indivíduos (ESCORSIN, 2016).

Desde os estágios iniciais do desenvolvimento psicomotor o terapeuta ocupacional tece um olhar atento, compreendendo a integralidade do ser em construção. Ele reconhece que cada fase traz consigo desafios e oportunidades únicas, e, adapta suas intervenções para estimular o crescimento harmonioso de habilidades físicas, cognitivas e emocionais de maneira ímpar (BARROS; GHIRADI, 1999).

Na fase impulsivo-emocional - na qual os movimentos e a sensibilidade tátil predominam - o terapeuta ocupacional acaba por suscitar a experimentação e a



descoberta por meio do toque, da exploração do ambiente e do manejo de objetos. Ele compreende que é por meio do movimento e da expressão emocional que as bases do desenvolvimento são solidificadas (BARROS; GHIRADI, 1999).

À medida que se avança para a sensório-motora e projetiva, o terapeuta ocupacional assume o papel de guia, incentivando a conexão entre o sujeito e seu entorno, propiciando experiências enriquecedoras que favorecem o aprimoramento da consciência de si mesmo e das habilidades motoras, através de atividades estruturadas e desafiadoras (BARROS; GHIRADI, 1999).

No estágio do personalismo – onde a noção de alteridade e diferenciação ganha destaque - o terapeuta ocupacional se apresenta como um estimulador da individualidade. Há o incentivo da autonomia, do reconhecimento das próprias capacidades e da interação social, criando um ambiente propício para o fortalecimento da identidade e a construção de relações saudáveis com o outro (BARROS; GHIRADI, 1999).

Progredindo para o estágio categorial, caracterizado pelo pensamento simbólico e operações cognitivas ganhando protagonismo - o terapeuta ocupacional busca enfatizar na aquisição do conhecimento. Ocorre estimulação da capacidade de categorização, percepção das diferenças e semelhanças, e fomento ao desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais para a compreensão e organização do mundo (ESCORSIN, 2016).

Por fim, quando se adentra na fase da puberdade: repleta de transformações e busca por identidade - o terapeuta ocupacional se torna um parceiro atento. Este profissional compreende a importância de criar um espaço seguro para a expressão e a exploração das emoções, auxiliando os indivíduos a desenvolver sua autoafirmação e a lidar com os desafios inerentes a essa fase transitória (ESCORSIN, 2016).

Diante desse panorama, e baseado nos estudos de Sena e Bastos (2013), é inegável a importância do terapeuta ocupacional no desenvolvimento neuropsicomotor e suas fases. Como visto, cuida-se de uma área da saúde cujo escopo é promover o bem-estar e a independência funcional das pessoas, valendo-se de participação em atividades significativas e educacionais. Tais atividades estão relacionadas a rotinas diárias, lazer, labor, autocuidado etc. O terapeuta ocupacional trabalha com pessoas de todas as idades e abarca em seu trabalho uma diversidade de condições físicas, mentais, bem como emocionais (SENA; BASTOS, 2013).

Ao se falar nos princípios e abordagem da terapia ocupacional, convém registrar que ela é centrada na pessoa, expandida na compreensão holística dos indivíduos. Nesse processo, considera-se suas habilidades, interesses, valores e metas. O terapeuta labora em parceria com o paciente, procurando trazê-lo para uma participação ativa em seu processo terapêutico (SENA; BASTOS, 2013).

Além disso, tem-se o princípio de atividades significativas, diante das quais o foco é a funcionalidade. Ao se valer desses esforços, o terapeuta pode conduzir o paciente à conscientização acerca de suas estratégias e habilidades, que levarão seus pacientes a se sentirem mais motivados para enfrentarem seus desafios e alcançar seus objetivos (SILVA; OLIVER, 2019). Quando se fala nos contributos práticos do terapeuta educacional, importa dizer que diante de lesões, doenças, cirurgias e outras circunstâncias, ele ajuda - entre outros aspectos: na recuperação física, restaurando força, coordenação motora e destreza – e demais possibilidades. Isso viabiliza o retorno do cliente às suas atividades cotidianas e otimiza o processo de retomada ao trabalho e demais atividades sociais (SILVA; OLIVER, 2019).

No bojo da saúde mental: registra-se que a terapia ocupacional se apresenta notável, uma vez que ajuda na lida com questões como transtornos mentais, depressão, ansiedade, esquizofrenia etc. Por meio das atividades terapêuticas esse profissional auxilia o paciente a elevar sua autoestima, reduzir o estresse e desenvolver habilidades sociais e emocionais, entre outras (SENA; BASTOS, 2013).

Existe ainda uma contribuição significativa no atendimento de crianças com necessidades especiais. A terapia ocupacional trabalha para melhorar as habilidades motoras, cognitivas e sociais. Facilita a participação dessas crianças em suas atividades escolares e até em suas atividades lúdicas (BARBA *et al*, 2012). Outro grupo bastante beneficiado pela terapia ocupacional corresponde aos idosos - de modo peculiar aqueles que enfrentam desafios típicos do envelhecimento. Destacam-se nestes: perda da mobilidade, isolamento social, esquecimentos, dificuldades cognitivas etc. Por meio de intervenções oportunas, o terapeuta ocupacional pode ajudar a melhorar a qualidade de vida e a se envolver em afazeres que promovam bem-estar e satisfação (SENA; BASTOS, 2013).

Traga-se ainda outro exemplo de grupo beneficiado: pessoas compreendidas dentro do espectro autista. Nesse contexto a terapia ocupacional pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais, comunicação, autocuidado e na redução de comportamentos desafiadores. A abordagem focada nas atividades auxilia a tornar o

tratamento mais significativo, prazeroso e funcional (SENA; BASTOS, 2013).

Similarmente ao tratado até aqui, diz-se do papel do terapeuta ocupacional na promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos: realidade significativa. Isso porque além de auxiliar na reabilitação, a terapia ocupacional pode ajudar no desenvolvimento de hábitos mais saudáveis. (BARBA *et al*, 2012).

Nas últimas décadas tem-se constatado uma urgência em se modificar a formação dos profissionais de saúde. As demandas sociais têm imposto a necessidade de transformações. Pesquisas e práticas em saúde - antes repletas de setorizações e especializações, agora demandam maior generalidade e abordagem holística. Isso significa que é preciso, dentre tantos desafios, que se tenha uma formação em saúde que estabeleça o foco na integralidade (BARBA *et al*, 2012). Nessa necessidade de mudança aparece como figura expressiva o terapeuta ocupacional.

Dentre as abordagens que vale a pena destacar no campo da terapia ocupacional, existe o modelo biopsicossocial que se fundamenta em fatores biológicos, psicológicos e sociais na compreensão da saúde humana. Logo: a totalidade do sujeito e suas interações com o ambiente são objeto de análise do terapeuta ocupacional. Ainda se tem a Teoria da Ocupação Humana - TOH, correspondente a uma estrutura vastamente usada pelos profissionais em questão para entender a natureza das atividades humanas e sua relevância para saúde e bem-estar. A TOH salienta a relevância de engajar-se em atividades significativas e produtivas para que se promova sensação de saúde, bem-estar e previna doenças (SENA; BASTOS, 2013).

Posto isso, a terapia ocupacional corresponde a um saber baseado em evidências que se concentra na avaliação, tratamento e reabilitação de indivíduos com demandas relacionadas à questões físicas, cognitivas, emocionais ou sociais, buscando melhorar sua capacidade de desempenhar atividades cotidianas e promover sua qualidade de vida (SENA; BASTOS, 2013).

Por exemplo: ao se tratar da terapia ocupacional, pensando num quadro pós-acidente, tem-se que o trabalho será recuperar não só a funcionalidade física, mas identificar alternativas para favorecer a saúde mental. Essa também é afetada em situações traumáticas e muitas vezes sofre significativas consequências. Isso representa aderir à atividades cotidianas geradoras de bem-estar e prazer e a buscar destreza para a volta à realização de movimentos que eventualmente foram limitados.

Para isso, incumbe ao terapeuta ocupacional também refletir sobre possíveis adaptações necessárias (SENA; BASTOS, 2013).

Não se pode olvidar também que os terapeutas ocupacionais podem atuar em ambientes de trabalho - colaborando com empregadores para otimizar os espaços e as atividades, de modo a prevenir lesões e melhorar a saúde e a produtividade dos trabalhadores. Esses profissionais podem orientar sobre posturas adequadas, adaptações ergonômicas, treinamentos e pausas ativas para evitar doenças ocupacionais (SENA; BASTOS, 2013).

O objetivo precípua dessa área do conhecimento se consubstancia em promover a independência, o bem-estar e a funcionalidade das pessoas em suas atividades diárias e papel na sociedade, independência e funcionalidade que - não raro - por situações adversas, são comprometidas. Os terapeutas ocupacionais desempenham um papel fundamental em ajudar indivíduos a superar desafios e alcançar uma melhor qualidade de vida. Os males que surgem são específicos e requerem tratamentos e intervenções igualmente específicas. Apresenta-se então a necessidade de uma abordagem dotada de visão generalista (de cunho holístico) e que deverá colaborar de maneira significativa, evidenciando a necessidade da terapia ocupacional (SENA; BASTOS, 2013).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É imprescindível reconhecer a magnitude do desenvolvimento neuropsicomotor enquanto processo intrínseco à trajetória do ser humano em constante evolução. Nos tempos atuais, permeados pela fugacidade e fluidez, onde as relações humanas são questionadas incessantemente, compreender o desenvolvimento neuropsicomotor ganha uma importância ainda maior no contexto de abordagens terapêuticas que consideram as complexidades individuais e os desafios decorrentes de suas singularidades.

Mediante a análise empreendida, torna-se incontestável o papel fundamental desempenhado pela terapia ocupacional nesse panorama. Ao discernir o desenvolvimento motor e suas distintas etapas, o terapeuta ocupacional se torna capaz de identificar as necessidades específicas de cada indivíduo, proporcionando estímulos adequados para o aprimoramento das habilidades humanas. Essa abordagem interdisciplinar permite uma compreensão mais ampla e integrada do ser

humano em sua totalidade.

A complexidade das discussões acerca do desenvolvimento humano conduz à compreensão de que as intervenções terapêuticas devem abarcar não somente aspectos físicos, mas também emocionais, sociais e cognitivos. Nesse contexto, a terapia ocupacional desempenha um papel de suma relevância ao fomentar a autonomia, a independência e a qualidade de vida das pessoas, empregando atividades significativas e funcionais como instrumentos terapêuticos.

Destarte, o presente estudo busca colaborar com aprofundamento teórico e acadêmico dessas temáticas. Além disso, ressalta a importância prática e profissional da terapia ocupacional, realçando seu impacto na vida das pessoas e na convivência social. A partir dessa apreensão aprofundada do desenvolvimento humano e psicomotor, os terapeutas ocupacionais podem desempenhar um papel de destaque na promoção do desenvolvimento e do bem-estar das pessoas, possibilitando a construção de uma sociedade mais inclusiva e saudável.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tatiane Ribeiro *et al.* Fisioterapia motora no desenvolvimento neuropsicomotor infantil. **Revista Mult. Psic.**, v. 13, n. 48, p. 684-692, dez., 2019.
- ANDRADE, Letícia Pires. **A importância da estimulação precoce no desenvolvimento motor infantil.** Unifacvest, 2019.
- ARAUJO, Luize Bueno *et al.* Caracterização do desenvolvimento neuropsicomotor de crianças até três anos: o modelo da CIF no contexto do NASF. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 3, p. 538-558, 2018.
- ARISTÓTELES. **Política.** São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco B. *et al.* **Práticas psicoterápicas na infância e adolescência.** São Paulo: Manole, 2002.
- BARBA, Patrícia Carla de Souza Della *et al.* Formação inovadora em terapia ocupacional. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 829-842, 2012.
- BARROS, Denise Dias; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002.
- BARROS, Denise Dias; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez; LOPES, Roseli Esquerdo. Terapia ocupacional e sociedade. **Rev. ter. ocup**, p. 69-74, 1999.
- CARDOSO, Kátia V. Viana; LIMA, Sarah Amaral. Intervenção psicomotora no desenvolvimento infantil: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Promoção à Saúde**, v. 32, 2019.
- CASTORINA, José A. **Dialética e psicologia do desenvolvimento.** São Paulo: Artmed, 2008.
- COSTA, Igor Martins *et al.* Impacto das telas no desenvolvimento neuropsicomotor infantil: uma revisão narrativa. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 4, n. 5, p.21060-21071, set./out., 2021.
- ESCORSIN, Ana Paula. **Psicologia e desenvolvimento humano.** Curitiba: InterSaberes, 2016.
- FINK, Karina *et al.* Tecnologias no desenvolvimento neuropsicomotor em escolares de quatro a seis anos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Educacional**, v. 27, n. 2, p. 270-278, 2019.
- LINS, Samuel Lincoln Bezerra. A compreensão da infância como construção sócio-histórica. **Revista CES Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 126-137, jul/dez, 2014.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2005.

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, Juliana Fernandes et al. Influência dos fatores biológicos e socioeconômicos no desenvolvimento neuropsicomotor de pré-escolares. **Revista Saúde e Pesquisa**, v. 10, n. 1, p. 135-144, jan./abr., 2017.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

SACCANI, Raquel; VALENTINI, Nádia C. Análise do desenvolvimento motor de crianças de zero a 18 meses de idade: representatividade dos itens da Alberta Infant Motor Scale por faixa etária e postura **Journal of Human Growth**, v. 20, n. 3, 2010.

SENA, Claudia Pedral Sampaio; BASTOS, Patrícia Moreira. **Terapia Ocupacional– metodologia e prática**. São Paulo: Editora Rubio, 2013.

SILVA, Ana Cristina Cardoso da; OLIVER, Fátima Corrêa. Participação social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando?. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, p. 858-872, 2019.

SOUZA, Ariana Carramaschi de; MARINO, Milena de Souza Fazio. Atuação do terapeuta ocupacional com criança com atraso do desenvolvimento psicomotor. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 21, n. 1, p. 149-153, 2013.

TEIXEIRA, Natali. M. Pena. A. Desenvolvimento neuropsicomotor e o brincar de crianças em uma unidade de educação infantil. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, [S. I.]**, v. 30, n. 2, p. 116-123, 2019.

TORQUATO, Jamili Anbar *et al.* Prevalência de atraso do desenvolvimento neuropsicomotor em pré-escolares. **Journal of Human Growth**, v. 21, n. 2, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

## ANEXOS

### ANEXO 1

#### **DECLARAÇÃO DE AUTORIA**

Declaro para os devidos fins que eu, Mel Cristini Desani, RG: 14.130.157-8 – SSP-PR, aluno(a) do Curso Terapia Ocupacional da Universidade Paranaense – Campos Sede sou autor do trabalho intitulado: “Desenvolvimento Humano e Neuropsicomotor, Discuções a luz da Terapia Ocupacional”, que agora submeto à banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso – Terapia Ocupacional

Também declaro que é um trabalho inédito, nunca submetido à publicação anteriormente em qualquer meio de difusão científica.



---

Nome completo do Aluno  
Assinatura digital